

A imprensa em Sergipe: notas sobre as revistas em Sergipe nos últimos anos do século XIX

SILVA, Elbênia Marla Ramos. Graduanda, Universidade Tiradentes/ SE

LINHARES, Ronaldo Nunes, Doutor, Universidade Tiradentes/SE

Resumo

Os estudos sobre impressos no Brasil privilegiam em especial os jornais, deixando em segundo plano as revistas e semanárias literárias e culturais em circulação desde fins do século XIX. Como entender a comunicação atual se não percorrermos pela história dos veículos mais antigos? Outra questão é a falta de estudos voltados para o resgate destes impressos em Sergipe. Diante destas situações, o objetivo desta pesquisa foi recuperar através de um inventário a história das revistas sergipanas nos últimos anos do século XIX. O primeiro passo metodológico foi resgatar as revistas disponíveis e através da ficha da rede ALCAR, específica para este estudo do veículo impresso, identificar os seguintes elementos de cada periódico: identificação, aspectos gráficos, localização, periodicidade, comercialização, aspectos editoriais gerais e da primeira página, os jornalistas e conclusões ou anotações mais específicas.

Palavras-chave: História da mídia, Revistas, Sergipe.

Introdução

A imprensa surge com o capitalismo e onde se desenvolve, ocupa um espaço importante na sociedade. Jornais e revistas, desde sua constituição, distribuição e recepção da informação, trazem um registro histórico sobre os mais diferentes campos, desde o político ao cultural, passando pela economia e outros. Para Cohen (2008, pag. 103),

O nascimento tardio da imprensa no Brasil não implicou numa atividade exígua dos homens de letras; ao contrário, ao longo do século XIX é quase incontável o número de publicações, cuja característica principal foi a variabilidade de duração e a periodicidade.

O processo de difusão das revistas no Brasil ocorreu em fins do século XVIII e início do século XIX, quando os leitores brasileiros conheceram mais sobre este gênero. Segundo SCALZO, (2004, pág. 28),

Todas essas publicações têm vida curta. Sofrem com a falta de assinantes e de recursos. Algumas saem apenas uma vez, com baixíssimas tiragens, outras, duas ou três. No máximo, duram um ano ou dois. A vida das revistas começa a mudar quando é lançada, em 1837, *Museu Universal*. Refletindo a experiência das Exposições Universais européias que dominam o século XIX, com textos leves e acessíveis.

Se a condição econômica foi uma constante para a permanência deste tipo de publicação, as temáticas também eram comuns. Ao relacionar os primeiros periódicos do gênero a serem publicados no Brasil, Martins e Luca (2008), cita entre outras as revistas “As Variedades ou Ensaios de Literatura” publicada na Bahia em 1812, e a Revista da Sociedade, publicada no mesmo ano em São Paulo, identifica os valores sociais e a literatura como temáticas recorrentes. Em 1928, foi lançada por Assis Chateaubriand a revista “O Cruzeiro”, que conseguiu o maior reconhecimento nacional. SCALZO (2004, pag. 30) observa que esta revista “*viria a ser um dos maiores fenômenos editoriais brasileiros*” principalmente por estabelecer “*uma nova linguagem na imprensa nacional através da publicação de grandes reportagens e dando uma atenção especial ao fotojornalismo*”.

Em Sergipe, podemos afirmar que as pesquisas sobre a história de sua imprensa ainda estão em estágio inicial. São poucos os estudos em que a imprensa é tema principal. Dentre eles, destaca-se a contribuição de Acrísio Torres de Araújo (1993), Sebrão Sobrinho (1947), Armindo Guaraná (1913) e, após os anos 80 do século passado, os estudos acadêmicos, monografias e dissertações de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação.

Segundo Guaraná (1913), a primeira revista publicada em Sergipe foi redigida por senhoras em outubro de 1876. Intitulada “O Bouquet”, foi um periódico literário e recreativo. Deste período em diante surgiram revistas que passaram a ter tanta relevância quanto os jornais. Estes periódicos definidos como veículos de “variedades” procuram atingir um público específico. Serve para o estado o que LUCA (2006, p.122) descreve como características para revistas nacionais.

Eram revistas de variedades, mas ao mesmo tempo femininas, masculinas, infantis, esportivas, pedagógicas e educacionais, humorísticas, dedicadas ao rádio, teatro e cinema, étnicas, religiosas, científicas, literárias, voltadas para o interesse do comércio, lavoura ou indústria, sem querer o mundo do trabalho, que seguia caminhos próprios, fora do âmbito do mercado.

Esta variedade temática foi comprovada nas pesquisas que subsidiam este artigo. Das revistas encontradas para tal análise, foi perceptível a variedade dos assuntos abordados e o desaparecimento de algumas revistas e/ou números, devido à inexistência de uma política de guarda e conservação dos impressos publicados no estado. Este artigo apresenta notas sobre as revistas publicadas em Sergipe no final do século XIX e início do século XX. É uma síntese de pesquisas desenvolvidas, como apoio do Programa de iniciação científica da Universidade Tiradentes, no período de 2007/08, cujo objetivo foi criar um inventário de revistas publicadas no período estudado, encontradas no acervo da Biblioteca Pública.

O delineamento do espaço metodológico do estudo

Por tratar-se de objeto amplo tanto em seu papel histórico como documento quanto em sua possibilidade de intervenção no próprio processo, a escolha da metodologia exige também uma postura aberta quanto ao plano da prática que indicam os métodos efetivamente usados nesta pesquisa, compreendendo método como grupo de idéias e ações particulares que são colocadas em prática no decorrer do processo. Além disso, o objeto de estudo transita em dois campos de conhecimento, o da história e o da comunicação.

Neste sentido o método de procedimento deste estudo procurou compreender a natureza e a função da imprensa como uma instituição social, procurando no passado as raízes das atuais formas de vida social. Para Lakatos e Marconi (1988), “o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.” Numa perspectiva histórica, este estudo, contribui para uma melhor compreensão do papel que a imprensa atualmente desempenha na sociedade, remontando os períodos de sua formação e transformações.

Utilizando-se da análise documental como método e como técnica de pesquisa, pois segundo Moreira (in Duarte e Barros, 2005; 271) este método, “*compreende a identificação a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim*”. Tal resgate foi realizado com os documentos da biblioteca pública de Aracaju, Epiphâneo Dória, tendo como principal dificuldade neste processo a obtenção de longas séries completas dos periódicos devido ao seu estado de conservação, ao desaparecimento de algumas revistas ou de números e seqüências. Para tanto, o levantamento das informações básicas sobre as revistas foi feito através da ficha proposta pela Rede Alcar para o resgate da imprensa brasileira.

Considerando as especificidades dos veículos impressos do período pesquisado, o instrumento elaborado pela Rede, possibilita a identificação e registro de informações importantes, tais como: identificação; aspectos gráficos; localização; periodicidade; comercialização; aspectos editoriais gerais e da primeira pagina; os jornalistas e conclusões ou anotações mais específicas de cada jornal.

Notas sobre as revistas em Sergipe

Ao todo, foram analisadas 15 revistas. Em sua maioria a análise das revistas foi dificultada devido à falta de muitos exemplares e do péssimo estado de conservação dos existentes. No que diz respeito a identificação, os tamanhos variam de 8,5 até 22,5 cm. As revistas apresentaram um número irregular de páginas variando de 4 a 18 páginas, apenas a revista “Época” (1948), se mostrou diferente e possuía 35 páginas. As

tipografias não se repetem o que foi possível perceber um maior número de tipografias após 1900. Em relação à periodicidade as revistas quinzenais nos chamaram atenção dentre elas a “Heliantho” (1923) e “A Onda” (1912). A única revista bimestral foi a “Novidade” (1937), não esquecendo da “Terra Natal” (1933) que era semanal e transformou-se em mensal. A maioria das revistas era por mês ou na semana.

As revistas traziam o preço avulso e a tiragem, mas, o que despertou interesse foram as estratégias de comercialização das mesmas. A precisão do periódico “Mercúrio” (1928-1930) já traz além do preço avulso, também o preço de um dia atrasado e o preço mensal; possuía também o número das tiragens para o interior, para outros estados e o preço da assinatura por ano e por semestre. Preço de venda: Capital (no dia) = \$500, (atraso) = \$800, (mês) 2\$000, interior ano = 28\$000, semestre = 15\$000, estados ano= 30\$000, semestre= 18\$000, tiragem: interior ano = 28\$000, semestre = 15\$000 estados, ano= 30\$000, semestre = 18\$000. Em sua grande maioria as fontes de financiamento dividiam-se entre particulares e a publicidade, esta segunda imprime, aos olhares de hoje, certo charme as revistas devido aos seus desenhos e frase criativas. Geralmente publicadas na ultima pagina, eram comuns anúncios criativos de remédio, cinemas e restaurantes que descontraíam os textos separados por coluna. Como exemplo, temos a revista “Novidade” (1937), que traz em desenho, um diálogo de um casal sobre as características de certo produto.

Mesmo com o advento da fotografia na segunda metade do século XIX, alguns dos periódicos não se utilizavam desta tecnologia em suas páginas. Dentre as revistas que possuíam ilustrações, as chamadas xilogravuras estavam: “O Capitólio” (1880), “Bello Sexo” (1882), “A Onda” (1912), “A Diocese de Aracajú” (1912), “A Redenção” (1907) e o “O Lírio Mariano” (1935). Esta característica estava de acordo com a maioria das revistas, mas já em 1896, a revista “A Martinho Garcez”, publica fotos em algumas capas de suas edições.

O tipo de texto mais encontrado nas publicações foi a crônica voltada para a realidade localidade, no entanto havia revistas que publicavam notícias de âmbito nacional, como foi o caso das revistas “Heliantho”- 1923, “Mercúrio” 1928-30, “Terra Natal”- 1933, “A Redenção”- 1907 e “Vida Sergipana”- 1912 e traduções de exemplos da literatura internacional. A revista “A Redenção” -1907, em seu número

08 de 1907, página nº 3, publica estrofes traduzidas de poemas japoneses de autoria de um dos maiores poetas do Japão, Hitomaro.

Como o sol quando baixa no horizonte, como a lua atrás das nuvens, assim ella passou, o meu amor, folha do outono cahida antes do tempo. Quanto recibi a fatal notícia fiquei assombrado, sem saber de nada... Mas quem ficaria impassível a circunstancias idênticas? Quero caminhar, quero pisar a terra que ella pisou. Aqui estão as ruas de Kara, aqui esta a porta da sua casa! Ai de mim no meio da multidão já não ouço a sua voz nem enxergo o seu perfil. Caminho calado, escondendo a cara da mangado meu kimono e pronunciando baixinho o nome della!

Além da revista “Bello Sexo” (1882) única que publicava crônicas nacionais, a revista “Terra Natal” (1933), tinha um diferencial, pois funcionava como um guia para ações cotidianas da cidade, com a publicação do horário das missas, do teatro e das viagens de trem. Desta forma percebe-se o quanto a diversidade do conteúdo das revistas se destacava diante dos outros gêneros, jornais e folhetins.

Como no restante do Brasil, a maioria destas revistas tinha como mote principal a literatura, por sua própria constituição: a formação intelectual dos profissionais liberais que nela atuavam ou eram os responsáveis direto por sua existência; pelo publico diferenciado para os quais estavam direcionadas. Mesmo com uma grande parcela abordando a literatura, não havia exclusividade para este tema.

Procurando diversificar e atingir o maior número possível de leitores, as revistas começaram a diversificar seus temas. Para Cohen (2008, pag. 111), “às revistas ilustradas do começo do século ficava reservado o campo da diversão e do prazer, seduzindo o leitor, com textos leves e (se possível) belas imagens”. A literatura aparece junto a outros assuntos como é o caso das revistas: “Novidade” (1937) definida como “literária e comercial”, a revista “A Onda” (1912) que abordava literatura e humor, revista “Vida Sergipana” (1912) que abordava a arte e “O Lírio Mariano” (1935) e “A Diocese de Aracajú” (1912) revista de temática exclusivamente religiosa e revista “Terra Natal” (1933), única revista que tratou de esporte também publicava sobre literatura. A revista Bello Sexo, que tratava de alguns contos e dirigia-se ao público feminino e a revista Mercúrio (1928-1930) que publicava com certa regularidade uma coluna sobre luto.

Em Boquim, onde residia, faleceu no dia 3 do mez em curso, o bemquisto cidadão Francisco Martins Fontes, pae do illustre poeta conterraneo dr. Hermes Fontes. Dado o grau de estima que alli desfructava o extincto, a sua morte foi muito sentida. Pezames aos de sua digna família. (Revista Mercúrio, p. 10, 1928, nº 2)

A revista “Martinho Garcez” (1896) foi o único periódico encontrado no período, publicado com o objetivo definido de homenagear illustre personalidade local, atitude muito comum em alguns periódicos da época. O homenageado emprestou seu nome ao título da publicação que se refere exclusivamente a vinda de Martinho Garcez para governar Sergipe, comemorada por seus amigos cariocas através desta homenagem. Apesar de constar na revista a publicação no Rio de Janeiro, é considerada uma revista sergipana.

As capas das revistas pesquisadas procuravam chamar atenção do leitor, embora algumas não apresentassem mais cores além do preto e branco. Traziam desenhos e algumas fotografias e símbolos, a exemplo das revistas religiosas ou como as revista “A Sergipana” (1914-1915) e “A Redenção” (1907). O periódico “Terra Natal” (1933) brincava com as cores da bandeira do estado verde e amarelo, a revista “Novidade” mudava sempre os desenhos e colorindo da capa, enquanto a “Bello Sexo” (1882) que a cada edição modificava a cor da capa.

O logotipo era uma característica da maioria das revistas, mas foi possível constatar que, ao contrário do logo, a maioria não trazia slogan, este detalhe não aparecia ao mesmo tempo nas demais. Havia slogans como: “Mensário a serviço da cultura e democracia”, quanto o logotipo “Revista de uma associação dos escritores sergipanos”, ambos da revista “Época” (1948). Havia também periódicos que não traziam nenhum dos dois: “A Martinho Garcez” (1896), “O Lírio Mariano” (1935), e a “Terra Natal” (1933).

Poucas revistas traziam o nome completo de toda a equipe de redação. Como era característico da época nem sempre os colaboradores assinavam seus textos, na maioria dos casos somente o proprietário e o diretor e/ou redator chefe constavam na publicação. Das que apresentavam os nomes dos autores, escritores e/ou

responsáveis, e funções na redação temos: “Novidade” (1937), onde aparece o nome do proprietário, do Diretor, Redator e Editores, “O Lírio Mariano” (1936) e “Mercúrio” (1928-30). Além destes profissionais, “A Onda” (1912) traz nome de colaboradores, “A Diocese de Aracajú” (1912), “A Redenção” (1907) e “A Martinho Garcez” (1896) esta última com os seguintes colaboradores: Rui Barbosa, Olavo Bilac, Silvio Romero, José do Patrocínio e César Gama.

A revista “Helio” de 1919 traz um diferencial, lembrando uma característica do jornal da época, “O Larangeirense” (1888). Os correspondentes do jornal eram internacionais, já a revista, traz correspondente em vários estados do País (Prado Sampaio, J. Pereira Barreto, Arthur Fortes, Avila Lima. Graça Leite, Manuel dos Passos, Costa Filho, C. C. Aloísio Campos, H. Cardoso/ **Pará:** Augusto Meira/ **Rio:** João Cabral, Romulado Figueredo).

O estudo sobre a imprensa deve ser baseado em fontes impressas e a depender dos seus objetivos e métodos, o objeto deve ser trabalhado de maneira criteriosa e contextualizada. Quanto às revistas, mesmo diferindo os anos de algum dos números percebe-se uma padronização no tamanho do material e a preocupação com a parte gráfica do periódico. Como existem hoje revistas especializadas, notamos que essas características já vinham de tempos remotos, pois o levantamento identificou a existência de revistas que abordavam assuntos especializados, tais como arte, esporte e política. Este estudo conseguiu fazer um levantamento bibliográfico e um pequeno inventário, em que descreve e caracteriza os periódicos pesquisados.

A guia de conclusões

Este é o resultado de um projeto de iniciação científica, portanto um registro inicial que procurou levantar e caracterizar as revistas publicadas em Sergipe da segunda metade do século XIX a primeira do século XX. Das notas aqui descritas inferimos alguns pressupostos sobre estas revistas. Primeiro foi possível constatar as possibilidades de pesquisa sobre a imprensa sergipana. Em se tratando das revistas podemos afirmar que além da literatura, outros temas foram sendo inseridos nos periódicos, cresceu publicação de notícias e informações regionais, nacionais e

internacionais, assim como, a participação da publicidade acompanhando o processo de industrialização e urbanização da sociedade brasileira.

Esse período de análise correspondeu ao início da participação feminina na imprensa, como demonstra a publicação da primeira revista sergipana, O Bouquet 1876 organizada por senhoras. Das revistas analisadas podemos constatar que os recursos tecnológicos também sofreram melhoras com o tempo, a exemplo do uso da fotografia, da diversidade de cores das capas e textos escritos às vezes em azul, diferente do padrão, cor preto.

Entretanto, a pesquisa nos colocou diante de problemas e dificuldades conservação destes periódicos. Nenhuma das revistas pesquisadas estão digitalizadas, e assim correm o grande risco de desaparecer em pouco tempo, pois o material está debilitado e muitos deles já estão proibidos de serem utilizados para qualquer pesquisa. Por uma questão cultural, os arquivos de Sergipe continuam permitindo que alguns periódicos continuem em péssima conservação, ocasionando a perda de uma história tão rica e importante do cotidiano da sociedade sergipana. Assim esta pesquisa abre um espaço para que o estudo sobre estas notas possam ser aprofundados e contribuam para a construção de uma história da imprensa sergipana.

Bibliografia

- ARAÚJO, Acrísio Torres. **Imprensa Sergipana**. Brasília: gráfica do Senado, 1993.
- COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. **Historia da Imprensa no Brasil**. São Paulo, Ed. Contexto, 2008.
- GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **Jornaes, Revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908**. Aracaju, 1913.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Atlas, 1988.
- LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. IN: PINSKY, Carla Bossanezi (Org.) Fontes Históricas. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- Revista **A Diocese de Aracajú**, Aracaju, 1912.
- Revista **A Martinho Garcez**, Rio de Janeiro, 1896.
- Revista **A Onda**, Aracaju, 1912.
- Revista **A Redenção**, Aracaju, 1907.
- Revista **A Sergipana**, Aracaju, 1914 -1915.
- Revista **Bello Sexo**, Aracaju, 1882.
- Revista **Época**, Aracaju, 1948.
- Revista **Heliantho**, Aracaju, 1923.
- Revista **Helio**, Aracaju, 1919.
- Revista **Mercúrio**, Aracaju, 1928-1930.
- Revista **Novidade**, Aracaju 1937.
- Revista **O Capitólio**, Aracaju, 1880.
- Revista **O Lírio Mariano**, Aracaju 1935.
- Revista **Terra Natal**, Aracaju, 1933.
- Revista **Vida Sergipana**, Aracaju, 1912.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SOBRINHO, Sebrão. **Monsenhor Silveira o Fundador da Imprensa**. Aracaju: Regina, 1947.